

**Sérgio
Camargo:**
*“A visão do
artista é de
importância
vital: ela
pode mudar
o mundo”.*

O escultor brasileiro Sérgio Camargo é hoje um nome internacional. Nascido no Rio, em 1930, e tendo residido em Paris durante mais de 10 anos, Camargo já expôs individual e coletivamente em todos os principais centros de arte do mundo, integrou as mais importantes bienais de arte, inclusive aquelas especificamente de escultura, tem obras públicas em diferentes países. Sua obra já foi analisada por alguns dos mais conhecidos críticos de arte, em revistas (Jean Clay, Paul Keeler, James Burr e outros), em livros (Guy Brett, em “Kinetic Art”, 68 e Frank Popper “Naissance de l'Art Cinétique”, 67, entre outros). O mesmo Guy Brett, que é crítico do “Time”, de Londres, escreveu, em 66, um livro exclusivamente sobre sua obra.

Sérgio Camargo, portanto, poderia se considerar, aos 45 anos, um artista realizado. Mas decidiu retornar ao Brasil — “se eu não voltasse agora acho que não o faria nunca mais”. Seria um artista internacional e desenraizado. Assim, após realizar duas importantes exposições individuais em Londres e no México (esta última em agosto de 74) e deixar outra mostra circulando por vários países europeus, Camargo, mesmo mantendo ateliê em Carrara e contratos com galerias estrangeiras, iniciou seu percurso de volta ao Brasil — primeiro em 72, ano em que expôs na Collectio e, depois, ao que parece definitivamente, ano passado. E no último dia 15 inaugurou simultaneamente duas exposições — no Museu de Arte

Moderna do Rio (92 peças, sendo 50 esculturas em mármore e 42 relevos de madeira) e na Galeria de Luiz Buarque de Holanda e Paulo Bittencourt (37 peças, sendo 20 relevos e 17 esculturas de pequeno e médio portes). Exposições que não se repetem, mas se completam. E devem ser vistas obrigatoriamente pelos leitores, mesmo porque elas cobrem os últimos 10 anos de sua obra — realizada na Europa.

Pretendo mais tarde analisar as duas exposições. Hoje limito-me a transmitir aos leitores, fragmentariamente, as idéias do artista sobre sua obra e sobre a arte.

— “Falar de meu trabalho é correr o risco de cair em um processo tautológico. Fazer arte é formular as percepções que o artista tem. Ele percebe e tem de encontrar um suporte para estas percepções. Eu percebo aquilo que eu mostro e eu mostro aquilo que percebo. Na verdade tenho dificuldades de falar sobre meu trabalho. Ou por outra, acho difícil verbalizar sobre um trabalho não verbal. Em uma pequena introdução à mostra da Collectio propus o vácuo verbal. Muitos críticos entenderam que eu nada tinha a dizer sobre minha arte. Não era bem isso. O que queria dizer é que não dava para verbalizar o que não é verbalizável. Trata-se de uma linguagem específica, não verbal. Creio que só se pode teorizar sobre a obra de um artista em nível abstrato, nunca tratando de assuntos específicos. O vácuo é aspirante. O melhor, portanto, é esquecer a palavra. Perceber com os olhos e com a mente. Perceber os problemas de equilíbrio, a

mutação das estruturas, a continuidade de um pensamento em minha obra.”

— “Com frequência me classificam como artista cinético. Não posso impedir que isto ocorra. Mas não me considero cinético. Este conceito, aliás, é confuso. É um saco onde se coloca todo mundo. Eu nada tenho a ver com os ortodoxos do cinetismo. Eu não uso o movimento artificialmente — em minha obra ele é virtual. É tempo. Muito menos participo ideologicamente do movimento”. Já antes, em 1974, Camargo afirmara ao crítico Paul Keeler: “Eu nunca introduzi um movimento mecânico em minha obra. Creio que a introdução de uma tecnologia muito doméstica em arte é infantil. Não creio nisto. Muitos artistas jogaram com o movimento sem pensar no problema do tempo. E para mim o tempo é mais interessante que o movimento — que por ser mecânico busca um curto ciclo temporal, que é incrivelmente monótono”.

— “Para mim tanto faz o material. Madeira ou mármore, não importa. Ao usar a madeira pinto-a de branco. O mármore é cortado com máquinas. Não me interessa, portanto, o efeito de cada material. Sempre trabalhei com a luz. É ela que revela a estrutura. O que posso dizer é que o mármore capta melhor a luz e mais, ele atende a uma necessidade minha, que é a de revelar na escultura sua densidade, seu peso. Ademais, não uso o mármore modelado (que se dirige ao tato) mas cortado a máquina. O que me interessa, portanto, não é o material, mas o conceito. Lido com estruturas. Estruturar e não modelar.”